

# HOMOCULTURA VIRTUAL: FOLKCOMUNICAÇÃO, IDENTIDADE E CIDADANIA.

## *VIRTUAL HOMOCULTURE: FOLKCOMMUNICATION, IDENTITY AND CITIZENSHIP*

Guilherme Moreira Fernandes<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O artigo discute o modo pelo qual a identidade homossexual é representada em *sites* e comunidades do Orkut. Aponta-se a folkcomunicação e a comunicação comunitária como bases teóricas que sustentam que a produção simbólica das populações marginalizadas proporciona mecanismos de inserção e de cidadania. Deste modo, as novas tecnologias de comunicação – a rede mundial de computadores entre elas – configuram-se como espaço de disputa na produção de sentidos (e auto-sentidos) também sobre a questão da sexualidade.

**Palavras-Chave:** Folkcomunicação. Cidadania homossexual. Homocultura virtual.

### **ABSTRACT**

*The article discusses the way how the homosexual identity appears site and Orkut communities. It show the “Folkcommunication” and communitarian communication as the theories bases that explain that the symbolic production of discriminated people as the mechanism of introduction and citizenship. Thus, the new technologies of communication – internet among it – configures as space of contestation in the production of sense (and self sense) also about the sexual subject.*

**Keywords:** *Folkcommunication. Homosexual citizenship. Vitual Homoculture.*

---

<sup>1</sup> Graduado em Comunicação Social pela UFJF. Orientado pelo Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (Facom/UFJF). E-mail: gui\_facom@hotmail.com

## **Introdução**

Em face ao mundo globalizado em que vivemos, a Comunicação tornou-se primordial para que os diversos grupos sociais conquistem seu espaço simbólico. Numa sociedade cada vez mais mediada pelos veículos de comunicação, a visibilidade de um grupo contribui para sua afirmação identitária. O teórico Luiz Beltrão afirmava em 1967 que:

Comunicação é o problema fundamental da sociedade contemporânea – sociedade composta de uma imensa variedade de grupos, que vivem separados uns dos outros pela heterogeneidade de cultura, diferença de origens étnicas e pela própria distância social e espacial (BELTRÃO, 2004, p. 27).

Com a caracterização da sociedade contemporânea como o império dos símbolos, a folkcomunicação se faz presente no debate político relacionado à comunicação social ao pôr em questão da cultura periférica no contexto da indústria e da cultura de massa.

A existência de culturas periféricas reflete, segundo Canclini, a reprodução desigual da sociedade, marcada pela apropriação também desigual na produção e no consumo dos bens econômicos e culturais. As culturas periféricas, em seu esforço de resistência, produzem interação conflitiva entre elas e as hegemônicas. Especialmente nas sociedades complexas, onde há heterogeneidade da oferta cultural garante-se a coexistência de vários estilos de compreensão e recepção, nesse caso, um mesmo indivíduo pode integrar-se a diversas culturas, e as mesclas culturais podem ocorrer de modo não-planejado, resultando de processos sociais não-previsíveis como migrações e intercâmbios. Contudo, nem sempre são disponibilizados meios que garantam voz a todos os atores sociais e a luta pelo direito de fala é uma constante entre os grupos não-hegemônicos.

A hibridização cultural, contudo, não se caracteriza pela simples mescla de valores, estruturas e práticas sociais; sua compreensão resulta da análise do processo conflitivo, considerando as negociações empreendidas pelas culturas periféricas para não se diluírem dentro da cultura de massa. Afinal, estas vivenciam as novas condições de existência tanto no que sofrem de

opressão como no que contêm de demanda e aspirações de democratização social.

A Comunicação Comunitária vem como alternativa para a expressão de grupos por vezes marginalizados da sociedade, em geral portadores desta cultura periférica, e é a folkcomunicação uma das perspectivas teóricas responsáveis por promover o intercâmbio de informação entre a grande mídia e os canais alternativos que permitem a emergência de uma mídia cidadã. Lançado em 2006, o livro “Mídia Cidadã”, organizado pelos estudiosos José Marques de Melo, Maria Cristina Gobbi e Luciano Sathler, expõe quatro formas de expressão nos territórios midiáticos: a imprensa local, as rádios comunitárias, a folkcomunicação e a mídia digital.

Partindo-se do pressuposto de que a folkcomunicação faz-se presente nos canais preservados pelos grupos socialmente marginalizados para expressar sua resistência à cultura das classes dominantes, realizando operações de decodificação das mensagens difundidas pelas redes comunitárias massivas (MARQUES DE MELO, 2006, p. 30),

Percebe-se que ela também está imersa na imprensa local, nas rádios comunitárias e na mídia digital. Logo, a forma através da qual os grupos marginalizados são representados na mídia digital, dadas suas características e potencialidades, constitui-se em debate fundamental sobre como é possível construir valores identitários que se oponham às visões hegemônicas.

### **A folkcomunicação como luta das minorias sociais**

A folkcomunicação é uma teoria formulada por Luiz Beltrão em sua tese de doutorado, em 1967, acerca da “comunicação dos marginalizados”. Segundo o jornalista, trata-se do “*processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, idéias e atitudes da massa*” (BELTRÃO, 2004, p. 47). Assim, tal teoria busca “dar voz e vez” à luta das minorias sociais.

O teórico estabelece, ainda, a seguinte divisão nas audiências (receptores) do sistema folkcomunicacional: urbanos marginalizados, rurais marginalizados e os culturalmente marginalizados. Neste estudo, cabe a análise dos culturalmente marginalizados, os quais se caracterizam por

*“constituírem-se de indivíduos que contestam a cultura e a organização social estabelecida, adotando uma política ou filosofia contraposta à que está em vigência”* (BELTRÃO, 1980, p. 40). É importante salientar que os grupos culturalmente marginalizados estão contidos dentro dos grupos marginalizados urbanos e rurais.

Para Beltrão, no grupo dos culturalmente marginalizados existem três tipos de subgrupos: o messiânico, o político-ativista e o erótico-pornográfico. Cada um deles possui uma especificidade no que se refere à audiência folk. Vê-se, por exemplo, que os indivíduos pertencentes às categorias do erótico-pornográfico enquadram-se por

não aceitarem a moral e os costumes que a comunidade adota como sadios, propondo-se a reformá-los em nome de uma liberdade que não conhece limites à satisfação dos desejos sexuais e práticas hedônicas consideradas perniciosas pela ética social em vigor (BELTRÃO, 1980, p. 104).

Não há como não ver, nas palavras de Beltrão, estereótipos valorativos que opõem discursivamente os conceitos de “costumes sadios” aos de “práticas hedônicas consideradas perniciosas”. A própria designação do subgrupo (“erótico-pornográfico”) acaba por associar as lutas de minorias sexuais a um campo semântico desqualificador. Mas o objetivo do presente trabalho não é discutir se há ou não preconceitos relacionados à proposta de Beltrão. Importa, aqui, discutir que o conceitual por ele desenvolvido pode, perfeitamente, servir à discussão de um grupo que quer afirmar-se simbolicamente contra um discurso hegemônico – e não há nenhuma dúvida de que a militância pelos direitos dos homossexuais encontra nas ferramentas de comunicação meios para empreender essa luta.

A professora Teresa Adada Sell (2006), em seu livro “Identidade Homossexual e Normas Sociais”, defende que *“não viver a inteireza da escolha sexual é ser tolhido pelas regras culturais, sem alterá-las em nada”* (SELL, 2006, p. 247). Nesse sentido os grupos culturalmente marginalizados precisam criar e desenvolver canais de comunicação, entendidos como trincheiras na

luta por uma ressignificação simbólica dos movimentos a que pertencem, para exercer sua cidadania.

### **Identidade e cidadania: a luta pela aceitação**

A professora Cicília Peruzzo (2003), ao falar sobre a comunicação para a cidadania, aponta que esta começa, antes de tudo, com o acesso democrático aos meios de comunicação; só assim, ela pode dar visibilidade e viabilizar uma outra imagem sua que não a feita pela maioria. A luta contra as práticas neoliberais e a inserção dos grupos sociais marginalizados na sociedade compõem um dos campos privilegiados de atuação dos grupos minoritários.

O processo de globalização é usualmente acusado de ter promovido a massificação, a homogeneização e a padronização cultural. Sustenta-se que, nesse mecanismo de normalização e de negação dos comportamentos tidos como desviantes, um grande contingente de pessoas transforma-se em escravos dos padrões determinados pela indústria cultural. No entanto, alguns grupos, por possuírem características por vezes contrárias às normas sociais vigentes ou simplesmente por não adotarem o comportamento pré-estabelecido pelos *mass media*, buscam, também, através da comunicação, projetar-se no mundo e conquistar seus espaços. Essas minorias afirmam sua própria identidade e imprimem suas marcas na realidade contemporânea.

Sobretudo as minorias mais organizadas passam do discurso à ação política, reafirmando sua própria identidade e buscando seus direitos na sociedade democrática. Quando isso acontece, duas culturas entram em contato, e isso pode gerar conflitos entre os indivíduos pertencentes a elas. Esses conflitos têm origens na insegurança que as pessoas sentem diante de uma cultura que lhes é diferente. Aquelas que não conseguem integrar-se completamente em nenhuma dessas culturas que as rodeiam ficam à margem da sociedade e, por vezes, carecem de canais de comunicação – conforme já apontava Beltrão em 1967.

No artigo “Comunicação popular e Região no Brasil”, de 1976, Beltrão defende a idéia de que *“por si só, a parcela marginalizada da população brasileira não tem condições de emergir do submundo em que vegeta.”* (BELTRÃO, 2004, p.61). Já Raquel Paiva (1998), no livro “O espírito comum”, verifica a dissolução da comunidade tradicional agregadora num contexto marcado pelo excesso de informações, pela hiper-realidade na atual segmentação de públicos promovida pela mídia e pelo “encurtamento” das distâncias advindo do sistema de transportes aperfeiçoado e do desenvolvimento tecnológico.

Diante de uma realidade em que a pulverização de identidades conduz a disputas pelo próprio direito de um grupo existir e afirmar-se, Teresa Adada Sell (2006) defende a importância da ruptura com a sociedade tradicional agregadora. Os indivíduos detentores da identidade homossexual, por exemplo, não conseguiram se manifestar pelos canais tradicionais.

os padrões estabelecidos não permitem a expressão de singularidades, o que numa sociedade pacífica e tolerante seriam absorvidas ou vividas naturalmente (...). Regras que não absorvem as diferenças entre seus membros dificultam suas vidas, discriminam e, finalmente, geram violências. (SELL, 2006, p. 194).

Assim, na luta pela afirmação identitária desses grupos, a utilização de ferramentas de comunicação comunitária e a consequente definição de territórios midiáticos pode potencializar uma alternativa de sociabilidade das minorias.

Logo, no caso em questão, percebe-se que os sujeitos agregados por uma identidade homossexual - identidade marginalizada, mas que busca sua publicização através de mecanismos sociais – estão travando a luta pela construção de sua cidadania e sua auto-afirmação através de todos os mecanismos de produção simbólica existentes. Entre eles, indiscutivelmente, está a mídia digital, cujas potencialidades e especificidades merecem análise a seguir.

## **Mídia Digital como o espaço das diferenças e da contemporânea constituição identitária**

Indubitavelmente, estamos vivenciando um momento de revolução tecnológica e crescente participação de certos segmentos sociais no mundo digital (é verdade que ainda muito longe de incluir a maioria da população). Isso faz com que a mídia digital se destaque como veículo de expressão de posições as mais diferenciadas sobre qualquer assunto. Diversos fatores contribuem para isso, como, por exemplo, o baixo custo da disponibilização de informação para quem já tem acesso à rede e a maior interatividade característica do veículo.

Inclusive, Pierre Lévy (1996), um dos maiores estudiosos do assunto, afirma que a virtualização proporcionou o modelo todos-todos, não sendo definidos emissores e receptores em papéis fixos e fazendo com que haja uma troca cultural entre os usuários do veículo. Outro argumento de Lévy é a defesa da virtualização como saída do presente, pois a tecnologia oferece vários meios para essa “fuga”, como a projeção. Porém, a tecnologia não acaba com o contato físico, de modo que o autor elucubra que pode ser até uma forma de intensificação. Portanto, para ele, uma das vantagens da virtualização é o fato de se poder estar em vários lugares ao mesmo tempo.

Maffesoli (2006) diz que a proxemia remete ao surgimento de uma sucessão de “nós” que constituem a própria substância de toda sociabilidade. Tem-se a Internet como forma de estabelecer a proxemia, ou seja, manter distâncias físicas no convívio social, mas intensificar a formação de tribos (grupos) no espaço virtual. No processo de tribalismo da “galáxia eletrônica”, segundo o autor, *“o coeficiente de presença não é absoluto, e cada um pode participar de uma infinidade de grupos, investindo em cada um deles uma parte importante de si”* (MAFFESOLI, 2006. p. 233).

Por isso, a Internet adapta-se ao nosso tempo pela velocidade e interatividade - o que facilita a divulgação de idéias e a própria capacidade de

agregação daqueles que têm afinidades eletivas. Mas o aspecto que torna a rede mais democrática ou cidadã é seu caráter dialógico. A Internet, então, proporciona a liberdade identitária, visto que estabelecer uma identidade implica perceber-se e sentir-se integrado – na rede, não mais há impedimentos geográficos para que isso se manifeste a partir de auto-avaliações meramente simbólicas.

Perguntado por Benedetto Vecchi se a identidade no ciberespaço pode se desintegrar e caracterizar-se como falsa, Bauman (2005) aponta que não existe identidade falsa, já que não há uma unicidade do ser humano, que faz de tudo para não se sentir excluído e vai buscar meios para evitar essa possível exclusão: um deles é a Internet. Maffesoli (1996), ao elocubrar sobre as máscaras da identidade, argumenta que

uma estrutura antropológica pode assumir múltiplas formas, ou ter mais ou menos importância, mas que, de modo constante, traz de volta o prazer de estar junto do mais próximo, em torno de um 'lar'. Assim, a proxemia torna-se um valor público, é o vetor de uma homosociabilidade de múltiplas expressões que, em todos os domínios da vida social, vai favorecer a eclosão desses grupos de homens ou de mulheres, onde cada um poderá viver sem máscara sua parte de sombra. (MAFFESOLI, 1996, p. 324).

Pelas palavras de Maffesoli percebe-se há uma busca por estabelecer uma sociabilidade, que pode se realizar no ciberespaço, no qual o indivíduo pode se auto-afirmar, constituir uma identidade e exercer sua cidadania.

Partindo desse conceito, percebe-se que os homossexuais lutam, em plena contemporaneidade, para serem aceitos na sociedade sem taxações de desvio de caráter ou de quaisquer outros preconceitos. Dado que uma parcela dessa comunidade não se sente à vontade para explicitar no cotidiano e nos diálogos face-a-face o enfrentamento contra a estrutura social vigente, há aqueles que escolheram a rede como campo de batalha - e passaram a expressar-se preferencialmente através da mídia digital.



Constata-se, portanto, que no ciberespaço os indivíduos podem unir-se e formar uma coletividade capaz de promover manifestações e ações dentro e fora da rede. Não é diferente com a comunidade homossexual, porque, de acordo com o sociólogo Wagner Alonge (2006),

esses sujeitos concretizam virtualmente uma sociabilidade de espaços da construção de si e da vinculação com o nós (comunidade), sendo assim espaços de auto-afirmação da identidade gay, ou seja, sendo esse universo gay uma resposta da política de identidades, advinda de movimentos sociais do final da década de 60, essa identidade é marca de uma geração em que uma homocultura não só se vê cada vez mais midiática bem como cada vez mais visível para longe de guetos e subculturas, que buscam romper a clandestinidade através da apropriação das redes digitais. (ALONGE, 2006, p. 01)

Em face às comunidades no âmbito da virtualidade, percebe-se que este igualmente é um espaço adequado para a socialização dos problemas, bem como para o compartilhamento dos mesmos dramas enfrentados pelos homossexuais. Ressalta-se que a rede abriga várias sub-categorias de homossexuais. Existem aqueles que já se assumiram, os oprimidos, os curiosos e os que só querem “brincar” no espaço virtual. Alonge expõe que:

Fica nítido o processo no qual sujeitos autodenominados homossexuais se utilizam desse recurso para estabelecer uma (homo)sociabilidade sobretudo no processo de diálogo e desabafos nos diários ocorrendo a gestão de uma identidade que passa a ser dizível nesse processo de encontro com outros sujeitos cúmplices em sentimentos, desejos e anseios. (ALONGE, 2006, p.07).

Portanto, o presente trabalho pretende, a partir de uma análise de *sites* e comunidades virtuais que tratem da questão da homossexualidade, discutir quais são os campos semânticos (e, portanto, as construções simbólicas) que emergem nessa construção de identidade. Não se pretende aqui sugerir que estes *sites* e comunidades sejam, necessariamente, os mais representativos existentes – tenta-se, apenas, a partir da análise de alguns casos, indicar

padrões que dêem conta de algumas das principais opções discursivas relativas ao debate.

### **Sites – arenas da disputa simbólica em torno do significado da identidade homossexual**

Um dos *sites* analisados é o Mix Brasil, o maior portal GLS do país, hospedado pelo provedor UOL e que conta com *blogs*, central de notícias, festivais, vendas de produtos eróticos e vídeos. No entanto, a seção que mais chama a atenção é a “Identidade” – local em que é debatida a presença da homossexualidade na mídia, além de dados curiosos como um glossário de termos e expressões do mundo gay.

O *site* abriga mais de dez *blogs* que são escritos por usuários. Nesses *blogs*, a questão da busca da cidadania é posta em voga nos mais diversos relatos postados diariamente. Fica evidente que a interação possibilitada pela Internet cumpre aqui um relevante papel de consolidação da identidade (que passa, necessariamente, pelos processos de projeção e de identificação) – isso se obtém no momento em que um internauta vê em outro internauta um processo de sintonia com sua própria pessoa e percebe que ele passa pelos mesmos problemas. Assim, através dos fóruns (espaço para comentários após o texto do *blog*), desenvolve-se um diálogo em que um vai ajudando o outro a se auto-afirmar e a se sentir membro da comunidade.

Nos *blogs*, encontram-se todos os tipos de assunto. A linguagem utilizada nos *blogs* também varia de acordo com o autor: há autores mais formais, que utilizam um vocabulário mais culto; em contrapartida, há aqueles que apelam para expressões corriqueiras, que em outro lugar poderiam dar um tom de preconceito, como “bicha velha”, “viadinho”, “dar uma trepada”, entre outros. Nestas comunidades, no entanto, o uso dessas expressões cumpre um papel de dar comicidade e coloquialidade aos relatos e, indiretamente, lembrar que os valores dominantes costumam basear-se na depreciação do homossexual.

Numa pesquisa ao “Blog do Diego”, no dia 31 de março de 2008, encontra-se um texto que aborda a atração de gays por héteros. O dono do *blog* preocupa-se em responder a cada um individualmente, uma espécie de confessorário público. O primeiro comentário, de Tajan, diz simplesmente que ele se identificou com o texto, porque vivencia a mesma situação.

Já Rafael já tem dúvidas e faz uma confissão mais íntima:

Olá! Estava precisando ouvir algo parecido com o tema de seu blog, pois estou enfrentando uma fase assim. No momento não consigo mais ter atração por gays, só por héteros. Depois de uma experiência que tive numa cidade do Rio, onde conheci e transei com héteros não consigo mais se relacionar com outro gay, e o pior, acho que estou apaixonado por um deles. Não sei o que fazer. Pois sei que eles querem apenas sacanagens. Mas é encantador a beleza e atitude desses garotos que moram no interior tem a cabecinha bem pra frente que chega a me surpreender pois eles são héteros, tem namoradas e curti gays. Legal ou ilegal? Humm não sei, apenas vou continuar curtindo. Parabéns pelo tema! (BLOG DO DIEGO, [www.mixbrasil.com.br](http://www.mixbrasil.com.br), acesso em 31 de março de 2008).

Diego responde e diz que quer continuar a conversa por e-mail, em um ambiente mais reservado. Outros, como Ricardo usam o espaço para pedir conselhos:

“Atualmente, conheci um de 19, e ele é lindo, em todos sentidos. No entanto, tá rolando - mais uma vez - aquele medo de se envolver. Já aconteceu com outros: quando a coisa fica séria, eles caem foram do barco, não querem compromisso. E eu fico na pior. Juro que até evito (risos), mas... Este de agora, por exemplo: chego na balada e ele, o garoto mais bonito da festa, começa a me olhar. Inevitável, não!? Opções: 1 - esqueço o menino; 2 - invisto nele; 3 - fico indiferente, aguardando a posição dele. O que faço? Abs” (BLOG DO DIEGO, [www.mixbrasil.com.br](http://www.mixbrasil.com.br), acesso em 31 de março de 2008).

Diego responde com conselhos que fortalecem a associação entre a homosociabilidade e a possibilidade de afeto (homoafetividade), e não a associação com a perversão, como faz o discurso hegemônico:

Eu acho que vc deve sempre investir. Isso porque de repente vc acha um que não está afim de putaria e sim de casar cedo, com 18 ou 19 anos. Mas o lance é q vc já deve ir "vacinado" pra esse investimento nos caras.... já sofreu pra burro..então..não coloque a carroça na frente dos bois. Vá com calma e lentamente. Construa bem a estrutura do prédio para que as bases sejam sólidas e à prova de qualquer abalo. Abraços! (BLOG DO DIEGO, [www.mixbrasil.com.br](http://www.mixbrasil.com.br), acesso em 31 de março de 2008).

É nesse espaço que as confissões vão se desenvolvendo e se manifesta num tom intimista, pessoal, lembrando os contatos primários (face-a-face), com um diferencial: não se conhece fisicamente o interlocutor do outro lado. O virtual supre, nesse caso, a presença física da pessoa, substituída pelas palavras.

O *site* também tem seções feitas por psicólogos que visam a ajudar o convívio real, visto que o ambiente virtual não satisfaz todas as necessidades do indivíduo diante da necessidade de um contato primário posterior. Outra coluna presente no *site* é a dos direitos dos homossexuais, condenando a homofobia e os diversos tipos de discriminação.

Realmente, é numa comunidade virtual que grupos gays exercem sua cidadania. Como termo legal, cidadania é mais uma identificação do que uma ação; como termo político, significa compromisso ativo, responsabilidade, ou seja, fazer a diferença na sua comunidade, na sua sociedade, no seu país. De acordo com o jornalista Gilberto Dimenstein (2005), "*cidadania é o direito de ter uma idéia e poder expressá-la*" (p. 20). É nesse ponto que a comunicação é a responsável por dar cidadania aos grupos marginalizados.

Outro *site* aqui analisado, o Portal Gay de Minas é dividido em várias seções que primam por dar informações diversas, falam sobre o direito dos

homossexuais, além de fornecerem dados históricos. Afirma-se no *site*, por exemplo, que a condenação aos gays começou na Idade Média por intermédio, sobretudo, da Igreja Católica. O portal também tem a seção do Fale Conosco, destinado a tirar dúvidas dos homossexuais que necessitam, de alguma forma, da ajuda do Movimento Gay de Minas (MGM).

Uma das principais preocupações da ONG mineira é fazer com que os indivíduos saiam do ambiente virtual e se projetem para o real. Para isso, o *site* tem a seção “Encontre-se”, onde são expostas quatro reuniões promovidas pelo movimento toda semana. Nas terças-feiras, a reunião é com jovens de 14 a 24 anos; nas quintas, são os adultos a partir de 18 anos; já nas sextas-feiras há um rodízio entre encontros de lésbicas e de negros homossexuais. Após as reuniões, o salão vira pista de dança para os presentes.

É interessante observar a linguagem utilizada nos *sites*. Lá, percebe-se que a palavra “homossexual” nunca é utilizada como adjetivo, mas, sim, como substantivo. Também são comuns palavras como “homoafetividade” e “homoerotismo” como sinônimo de homossexualidade, caracterizando, assim, um campo semântico próprio, livre das cargas de preconceito típicas da visão dominante.

Como tentativa de reforçar a identidade e a construção simbólica, o *design* gráfico dos *sites* gays é, geralmente, composto a partir das cores do arco-íris e de símbolos representativos da homossexualidade.

Porém, Jorge Luiz da Silva Júnior, coordenador de comunicação do MGM, adverte que, no jornalismo, “*essas palavras não devem ser utilizadas pelo fato de exigirem dos leitores um conhecimento prévio*”<sup>2</sup>. Outra questão levantada por Jorge é a abolição do termo homossexualismo, pelo fato do sufixo “ismo” designar doença<sup>3</sup>; além disso, o jornalista explica que as palavras lésbica e travesti devem ser empregadas somente no feminino, de modo que

---

<sup>2</sup> Entrevista realizada no dia 16 de maio de 2007, pelo autor, na sede do MGM em Juiz de Fora-MG.

<sup>3</sup> Até 1973 a homossexualidade constava no Código Internacional de Doenças (CID) como doença e passou a ser considerado um desvio e transtorno sexual. Somente em 1994 a Organização Mundial de Saúde excluiu definitivamente o termo do código 302. (Fonte: SELL, 2006, p. 36).

jamais devem-se formar expressões como “cinema lésbico” – e, sim, “cinema para lésbicas”.

Oswaldo Braga, diretor do MGM, analisa que a construção da identidade gay começou através de guetos e que “*na comunicação virtual, a interatividade veio junto com o direito de expressão que contribuem para a formação da nossa identidade que outrora era formada através de guetos*”<sup>4</sup>. Todavia, Braga critica aqueles que só usam o virtual para exercer sua cidadania homossexual e não “saem do armário”. Ele diz que, apesar de a Internet ajudar na construção de uma identidade, “a rede limita um pouco o acesso e deixa as pessoas ‘no armário’ por mais tempo. A Internet não vai resolver questões como a homofobia; para isso, precisamos de militantes – daí a importância das pessoas mostrarem sua cara”.

Mas este é um debate relevante: será a constituição de comunidades virtuais (que atuam no mundo simbólico, que por sua vez influencia o mundo real) um espaço menor de participação? Ou, ao contrário, ele é tão relevante quanto os demais espaços no sentido de disputar os significados sociais sobre a homossexualidade? Para analisar que sentidos são esses, efetuiremos a seguir uma análise de duas comunidades do Orkut sobre o tema.

### **Comunidades virtuais e construção dos sentidos**

Ultimamente, o que tem chamado a atenção no espaço virtual são *sites* de relacionamentos como o Disponível.com e o Orkut.com. O Disponível.com caracteriza-se por conter um cadastro em que é possível informar as características pessoais e as da pessoa com quem se deseja relacionar. A partir desse momento, são enviados por e-mail os perfis que mais combinam com o que foi solicitado.

Já o Orkut funciona com a filiação de pessoas que se reúnem em comunidades virtuais. Através dos fóruns de cada comunidade, é realizado um

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada no dia 16 de maio de 2007, pelo autor, na sede do MGM em Juiz de Fora-MG.

debate em que cada membro pode emitir sua opinião; assim, laços de amizade podem ser construídos ou solidificados.

A comunidade do Orkut “Homofobia já era”, por exemplo, é a maior contra a homofobia dessa rede de relacionamentos. Com 46.043 membros, a comunidade é bem movimentada. A maioria dos tópicos diz respeito a denúncias de homofobia, seja no âmbito do orkut ou na sociedade.

Numa consulta à comunidade em 20 de março de 2007, dois tópicos chamavam a atenção, pois debatiam a homofobia de forma implícita. Um diz respeito à proibição, por parte da Igreja Católica, de um show de Elton John, por ele ser homossexual. Seus usuários discutem o fato de a orientação sexual do artista interferir no trabalho dele. Muitos internautas observavam que a Igreja, que prega o amor ao próximo e o respeito, deveria, antes de tudo, saber separar uma coisa da outra; afinal, o trabalho de um artista, e de qualquer pessoa, independe de sua orientação sexual. Assim, o preconceito da Igreja é posto em voga, e a discriminação que comete é fortemente recusada.

Outro tópico diz respeito ao projeto de lei que pretendia criar “Dia do orgulho heterossexual”, segundo qual dever-se-ia comemorar o “bom costume dos cristãos” e irradiar, mais uma vez, o preconceito para com o outro, o diferente. O projeto de lei constitui-se, pois, na valorização de uma cultura em detrimento de outra, como forma de contestar a luta das minorias pelos seus direitos civis. Verifica-se que há uma significativa parcela de heterossexuais nessa comunidade.

Já a comunidade “Homofobia e racismo nunca!”, consultada em 20 de março de 2007, contém um tópico com direcionamento para outra comunidade: a “Evangélicos no Orkut”, na qual há um tópico denominado “Filho homossexual”. Everton, autor do tópico, expõe que “isso pode acontecer com qualquer um e, de acordo com a Bíblia, o homem nasceu para a mulher e vice-versa, contudo um pai deve sempre amar o seu filho”.

A discussão estende-se e esbarra em vários pré-conceitos como o de Kiko e Geiza, que afirmam que a homossexualidade “*não é uma doença; é um espírito maligno que se alojou no corpo da pessoa*”. Há até um depoimento de um diácono, chamado Emanuel (da Igreja “Assembléia de Deus”), que, ao avaliar o posicionamento dos debatedores Humberto e Marcelo, defensores dos direitos dos homossexuais, afirma que eles estão “possuídos pelo satanás” e suas missões seriam a promoção da “*discórdia entre os fiéis e por em dúvida a palavra de Deus*”.

Já Schionato defende que “*é doença sim, porém Jesus é o médico dos médicos*”. Ele ainda argumenta que há um desvio de personalidade que pode ser curado com uma reposição hormonal e com uma Igreja especializada em curar homossexuais. Inclusive, há Igrejas sendo processadas por ONGs que querem erradicar a homofobia, por distribuírem panfletos que dizem “curar” gays.

Outros afirmam que a “alma está condenada ao inferno” e que “é preciso de meios para trazer de volta ao Reino de Deus”. A discussão é acalorada, e vários valores cristãos como “amar o próximo como a ti mesmo” são postos em cheque. Inclusive, o usuário Humberto chama a atenção para o “cristianismo meia boca” que eles estão praticando. Ele justifica, ainda, com base em Sigmund Freud, que não há qualquer desvio de caráter e que os psicólogos não podem “curar” homossexuais, mas, sim, fazê-los entender seus sentimentos.

O debate prosseguiu e no intervalo dos dias 24 de janeiro a 26 de março de 2007 outros dois tópicos foram criados: “E os gays? Herdaram o reino dos Céus?” e “Debatendo a sexualidade e direitos civis”. Houve 201 comentários nos tópicos, sendo que 139 se mostraram contra os homossexuais, com argumentos que tangem a Bíblia e os costumes sociais, os outros 62 comentários buscavam debater o porquê do pecado e mostrar que a identidade homossexual não anula o caráter do cidadão. No dia 27 de março os três tópicos foram apagados da comunidade.



Vê-se, pois, que há a defesa de um preconceito com base em um “falso moralismo religioso” e que esses espaços revelam, através dos discursos e projeções simbólicas ali presentes, o quanto ainda está distante a busca pela cidadania e a construção identitária da homossexualidade – sobretudo quando quem fala é permeado pela visão dominante e constitui-se a partir da negação do “outro”.

Ou seja, fica patente, partir das comunidades analisadas, que os valores – hegemônicos ou contra-hegemônicos – disputam corações e mentes a partir de valorações ou ênfases discursivas muito diferenciadas. Este terreno, ao contrário de ser periférico, é central para a possibilidade (ou a falta dela) de uma auto-percepção identitária homossexual que se afirme como legítima.

## **Conclusão**

No mundo globalizado fica cada vez mais difícil estudar comunicação sem levar em conta o aspecto cultural. Nesse novo espaço se reconhece a importância dos ativistas midiáticos dos sistemas folkcomunicacionais que atuam nos movimentos participativos da cidadania. Eles são agentes comunicacionais vinculados aos movimentos culturais que utilizam estratégias, que legitimam a sua participação como cidadãos e cidadãs conscientes do seu papel nas organizações da sociedade civil.

Nesse âmbito surge a mídia digital, que vai constituir-se em um importante espaço para explanações de idéias e atitudes dos portadores da cultura periférica. A folkcomunicação também vai utilizá-la como um território para promover o intercâmbio entre a grande mídia e a sociedade de massa.

A Internet figura não apenas como um espaço para a divulgação e para a inserção de homossexuais (que sentem dificuldades de expor seus pensamentos e suas dúvidas na sociedade que os rodeia), mas sobretudo como trincheira ideológica na qual se combate discursivamente o preconceito. Fica bem claro, então, que o espaço de homosociabilidade concretizado na Internet cristaliza sim a auto-construção e auto-afirmação de identidades, permitindo a seus membros que comunguem uma rede de simbolismos comuns dentro da constituição do sentimento de pertencimento à comunidade.

Há muito o que se fazer para tentar vencer a homofobia em várias instâncias. Mas, se os valores heterossexistas e patriarcais não fossem tão afirmados, poder-se-ia pensar que a visão da sociedade seria diferente. Com isso, gays, mulheres, negros e outras minorias poderiam ter seu espaço na sociedade sem que, para isso, precisassem cavar trincheiras ou estabelecer uma militância aguerrida pela auto-afirmação. Infelizmente, como esse mundo ainda não existe plenamente, a Internet – como tantos outros espaços de atuação - vem sendo e continuará sendo visto como um terreno de batalha ideológica pela legitimação simbólica da diferença.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONGE, Wagner. “A rede e o ser: auto-afirmação identitária nos espaços de homocultura virtual”. Artigo apresentado no IX Folkcom. In: MARTINS, Isildinha e GOBBI, Maria Cristina. (org.) Anais do UNESCO. Documento eletrônico. São Bernardo do Campo: UMESP, 2006.

BARBALHO, Alexandre. “Cidadania, minorias e mídia”. Artigo apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom na Universidade Federal da Bahia, 2002. Disponível em [http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18949/1/2002\\_NP13BARBALHO.pdf](http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18949/1/2002_NP13BARBALHO.pdf).

BAUMAN. Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. São Paulo: Cortez, 1980.

\_\_\_\_\_. *Folkcomunicação: teoria e metodologia*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

CÔNSOLO, Adriana Januário e SANTIAGO, Samuel. “A formação da cidadania na era digital”. Artigo apresentado no IX Folkcom. In: MARTINS, Isildinha e GOBBI, Maria Cristina. (org.) Anais do UNESCO. Documento eletrônico. São Bernardo do Campo: UMESP, 2006

DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil*. São Paulo: Ática, 2004.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

MAFFESOLI, Michel. *No tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forence Editora, 2006

\_\_\_\_\_. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARQUES DE MELO, José, GOBBI, Maria Cristina e SATHLER, Luciano (org.) *Mídia Cidadã: utopia brasileira*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2006.

NASCIMENTO, Marina C. Mesquita do. *"Folkcomunicação e hibridização cultural: interação de aportes para pensar as culturas populares"*. In: *Comunicação & Sociedade*. São Bernardo do Campo: Pós-Com-Umesp, nº34, 2000.

OLIVEIRA, Pêrsio Santos de. *Introdução à Sociologia*. São Paulo: Ática, 2001.

PAIVA, Raquel. *O Espírito Comum: comunicação, mídia e globalismo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

PERUZZO, Cicília e ALMEIDA, Fernando. *Comunicação para a cidadania*. Salvador: UNEB/São Paulo, Intercom, 2003.

POLISTCHUK, Ilana e TRINTA, Aluizio Ramos. *Teorias da Comunicação: o pensamento e prática da Comunicação Social*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SELL, Teresa. Adada. *Identidade Homossexual e Normas Sociais*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

SCHMIDT, Cristina (org.). *Folkcomunicação na arena global: avanços teóricos e metodológicos*. São Paulo: Ductor, 2006.

TRINTA, Aluizio Ramos. *"Identidade e(m) Comunicação"*. Artigo apresentado no 4º Encontro Regional de Comunicação. In: MENDES, Marise P. e NEVES, Teresa C. da Costa (org.). *Anais do 4º Encontro Regional de Comunicação*. Documento eletrônico. Juiz de Fora: UFJF, 2006.

## **Sites analisados**

<http://www.disponivel.com>, acessado em 14 de março de 2007.

<http://www.mgm.org.br>, acessado em 12 de março de 2007.

<http://www.mixbrasil.com.br>, acessado em 31 de março de 2008.

<http://www.Orkut.com/Community.aspx?cmm=65754>, acessado em 20 de março de 2007.

<http://www.Orkut.com/Community.aspx?cmm=106143>, acessado em 20 de março de 2007.

<http://www.Orkut.com/Community.aspx?cmm=7958907>, acessado entre os dias 20 e 27 de março de 2007.